

GASOLINA

5 de outubro de 2019

ABERTURA: DECLARAR OS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS UM INSTRUMENTO CRIMINOSO

A abertura começa com um ritual repetido: o mundo está mais quente do que nunca, mais poluído, caminhando para a extinção mais rápido do que nunca. Mas desta vez o tom da abertura é mais afiado. A equipe da sessão da gasolina compartilha com o público uma posição sobre a qual concordam: os combustíveis fósseis devem ser desacreditados e declarados um instrumento criminoso. Isso não é uma análise, é uma posição.

E outra confissão: quando a 16ª Bienal de Istambul foi inaugurada, soube-se com pesar que algumas empresas cujo único campo de negócios são os combustíveis fósseis estavam entre as organizações apoiadoras da Bienal. A aceitação desses patrocínios em um evento artístico que coloca a crise climática no seu centro não é considerada correta. No entanto, também se expressa o valor sentido em estar aqui, em trazer essas questões para a agenda, em esta plataforma ter sido aberta. A tensão de falar de dentro é tão antiga quanto a própria Bienal, mas o birbuçuk é uma das poucas vozes a trazer isso abertamente ao palco.

O PREÇO DE UM LITRO DE GASOLINA

Uma economista sobe ao palco. A questão parece simples: quanto custa um litro de gasolina? O preço do dia anterior havia sido verificado — 6,80 liras no lado europeu de Istambul, 6,86 no lado anatoliano. Calculado até a casa decimal — uma precisão que faz pensar na meticulosidade com que se mantêm as contas. Um litro de gasolina percorre aproximadamente doze quilômetros entre cidades. De Yedikule até o local da Bienal são onze, doze quilômetros — equivalente a um litro.

Mas o custo real não é esse. Quando se começa a calcular o custo de um litro de gasolina, o livro-razão cresce como uma avalanche: a destruição ecológica nas geografias onde o petróleo é extraído, a poluição dos processos de refinamento, a pegada de carbono da cadeia de fornecimento, o custo humano e econômico das guerras travadas pelo petróleo — a conta de sangue que se estende do Vietnã ao Iraque, da Líbia à Síria. O custo de saúde dos gases de escape inalados: asma, câncer, morte prematura. E o mais pesado — a conta climática que as gerações futuras pagarão, o endividamento de pessoas ainda não nascidas.

A economista diz que sabe calcular bem os custos, mas nenhum sistema contábil consegue calcular a totalidade desse custo. Porque alguns preços não podem ser convertidos em unidades monetárias. A economia ecológica é precisamente o campo que tenta tornar visíveis esses preços incalculáveis — e a gasolina é um dos exemplos mais dolorosos nesse campo.

Somos todos parte da gasolina de uma forma ou de outra, consumidores dela. Mas pagamos 6 liras e 80 kuruş e ignoramos o preço real.

NOSSA CASA ESTÁ PEGANDO FOGO

O palco escurece. Várias vozes se erguem. Uma colagem compilada de diferentes discursos de Greta Thunberg — traduzida para o turco, às vezes quebrando, rachando, repetindo. Isso é uma performance: as palavras de uma menina de dezesseis anos emergem de múltiplas bocas, algumas sussurrando, algumas gritando. "Nossa casa está pegando fogo. Estou aqui para dizer isso." Esperança, pânico, raiva, impotência se entrelaçam.

"Nossa casa está pegando fogo. Nada pode ser desculpa para não fazer nada. Quando agimos, a esperança está em todo lugar."

A performance traz o paradoxo mais marcante de Greta ao palco: uma criança sendo compelida a pregar para adultos. "Meu nome é Greta, tenho dezesseis anos" — essa frase fica mais pesada a cada repetição. "Quero me sentir segura, andando sozinha à noite, sentada no metrô" — a crise climática é uma questão de segurança, uma ameaça existencial. A geração cujos futuros estão sendo roubados fala e o salão ouve em silêncio. As emissões precisam ser reduzidas à metade em onze anos. Todos neste salão ouvem isso — mas quantos vieram de gasolina?

ARTE E LAVAGEM DE IMAGEM: A HISTÓRIA DOS PROTESTOS NOS MUSEUS

Uma profissional de museu sobe ao palco e, ao se apresentar, diz "se me definir como ativista terei feito um desserviço às outras participantes aqui" — mas o que ela narra é o próprio ativismo. Artwashing: empresas de petróleo, fabricantes de armas limpando suas reputações ao patrocinar instituições de arte. Na linguagem das próprias empresas, isso é "gestão de reputação."

A narrativa começa na Inglaterra: o movimento Liberate Tate, por meio de seis anos de protestos persistentes de 2010 a 2016, conseguiu encerrar o patrocínio BP-Tate. O museu tem centenas de milhares de membros — essa base torna possível mobilizar a opinião pública. O sucesso se irradia: nos Países Baixos, a Fossil Free Culture encerra o patrocínio da Shell ao Museu Van Gogh. Na França, a Liberate Louvre luta contra a Total — eles realizaram uma nova ação na semana passada. A profissional de museu recua mais — a 1969, à Artworkers Coalition. O custo da Guerra do Vietnã foi de 70 bilhões de dólares, a corrida espacial dez dólares por americano. A classe média está sendo esmagada. Um grupo de artistas apresenta ao MoMA uma lista de treze demandas: direitos dos artistas, mais espaço para artistas negros, acesso da classe trabalhadora ao museu. Apenas uma demanda é aceita: entrada gratuita um dia por semana. O MoMA a remove dois meses depois alegando perda de receita, é obrigado a restaurá-la por meio de protestos. Esses dias de entrada gratuita continuam até os anos 1990 — depois transferidos sucessivamente para o patrocínio da Target e da Uniqlo. As corporações tomaram o lugar do público.

E então uma confissão marcante: "Sou acima de tudo uma profissional de museu e o principal patrocinador do museu onde trabalho é uma empresa de petróleo." No contexto turco, as bases de membros de museus são fracas; o patrocínio é uma necessidade. Podemos abrir a discussão sobre o patrocínio do petróleo não com dez mil, mas com cem mil membros — uma posição deliberadamente provocadora.

"As empresas podem entrar muito confortavelmente nos espaços que o público não reivindicou. Não acho certo, neste estágio, reclamar disso em países onde o público não reivindicou seus espaços."

DE SINOP ÀS RUAS: REBELIÃO CLIMÁTICA

A última apresentação é a mais pessoal. A representante da Extinction Rebellion na Turquia narra uma jornada que começou saindo sozinha às ruas. Sua motivação: ver o que Greta alcançou aos quinze anos e querer compartilhar, em vez de confiar esse fardo a uma criança.

O momento mais poderoso da história acontece em Sinop. Uma criança decidiu organizar uma greve climática. As crianças prepararam seus cartazes, queriam marchar elas mesmas — "vamos sair definitivamente", disseram. A organizadora hesitou: como as forças de segurança tratarão as crianças? As famílias vão se zangar? Tiremos fotos e compartilhemos, ela sugeriu. Mas as crianças foram resolutos. Marcharam com tanta sinceridade que seguravam seus cartazes não contra o peito, mas voltados para fora, para as pessoas, mostrando-os. Depois foram brincar no parque. A ativista deitou sob uma árvore e assistiu às crianças — ver algo assim mesmo sob as condições de Istambul era uma fonte de alegria.

Mas à noite uma criança voltou e disse: "Foi a primeira vez em anos que brinquei como uma criança." Essa frase se aloja no peito de todos. As próprias crianças escolheram lutar pela justiça climática — mas será que sem querer

colocamos um fardo sobre elas? Elas estão impossibilitadas de viver suas infâncias?

"As crianças estão verdadeiramente fazendo o melhor que podem. Nossa geração, nós adultos — estamos lutando o suficiente por isso?"

COERÊNCIA: DE TREM PARA ANCARA

A sessão de perguntas e respostas ganha profundidade inesperada. A primeira pergunta é simples: "Qual foi sua motivação? Por onde devem começar os que não conseguem agir?" Mas as respostas não são simples. Ação individual ou transformação estrutural? Essa tensão é o próprio objeto gasolina — a conexão entre o consumo individual e a violência sistêmica. Uma pesquisadora conta uma história antiga: em 2007 reuniram quase 170.000 assinaturas para a ratificação do Protocolo de Kyoto, foram ao parlamento. Em uma sessão de comissão um parlamentar perguntou — como chegaram a Ancara? A resposta "viemos de trem" causou espanto. Depois burocratas falaram longamente: "Vejam, eles nem pegam avião, de verdade." A coerência é persuasiva.

Mas a ação individual sozinha não é suficiente. A energia gasta com reciclagem em Istambul em comparação com a Inglaterra é uma diferença montanhosa — sem que o serviço chegue até você, não é possível reduzir emissões apenas por esforço individual. Medidas individuais tomadas sem mudança de políticas não têm efeito nas emissões. Uma voz propõe o conceito de "capitaloceno": não o antropoceno, mas uma era originária do capitalismo. A cadeia que conecta a gasolina ao colonialismo, o colonialismo à agricultura industrial, a agricultura industrial à crise climática reside precisamente nesse conceito.

E um momento pequeno mas marcante no salão: alguém confessa estar cercada de tantos veganos que agora tem vergonha de dizer que não é vegana. A ação individual criando pressão social — isso também é um mecanismo de transformação, suave mas eficaz. Com o lembrete da resistência contra a mineração de ouro nas Montanhas Kaz, o salão se amplia: na próxima semana, uma ação de trinta mil pessoas é esperada em Çanakkale; o alvará da Alamos Gold vence em 13 de outubro.

Quando o encontro da gasolina se dispersa do salão, todos sabem que o custo de um litro de gasolina não é 6 liras e 80 kuruş. Mas ninguém consegue calcular quanto é. Talvez o fato de ser incalculável seja o custo mais real da gasolina.